Economia volta a enfrentar a mesma crise de 1980

Kristina Michahelles

Meados de 1980. A perspectiva de um déficit comercial e a inflação em alta incontida levam o Governo a mudar radicalmente sua linha de política econômica, forçando uma recessão para equilibrar o balanço de pagamentos e "curar" a inflação.

Julho de 1982. Os mesmos problemas ressurgem. A inflação volta a subir, e a balança comercial está novamente ameaçada com o mau desempenho das exportações no primeiro semestre. Mas agora o "remédio" já foi usado. A situação está parecida com o primeiro semestre de 1980, com o agravante de uma economia debilitada por um ano e meio de crise.

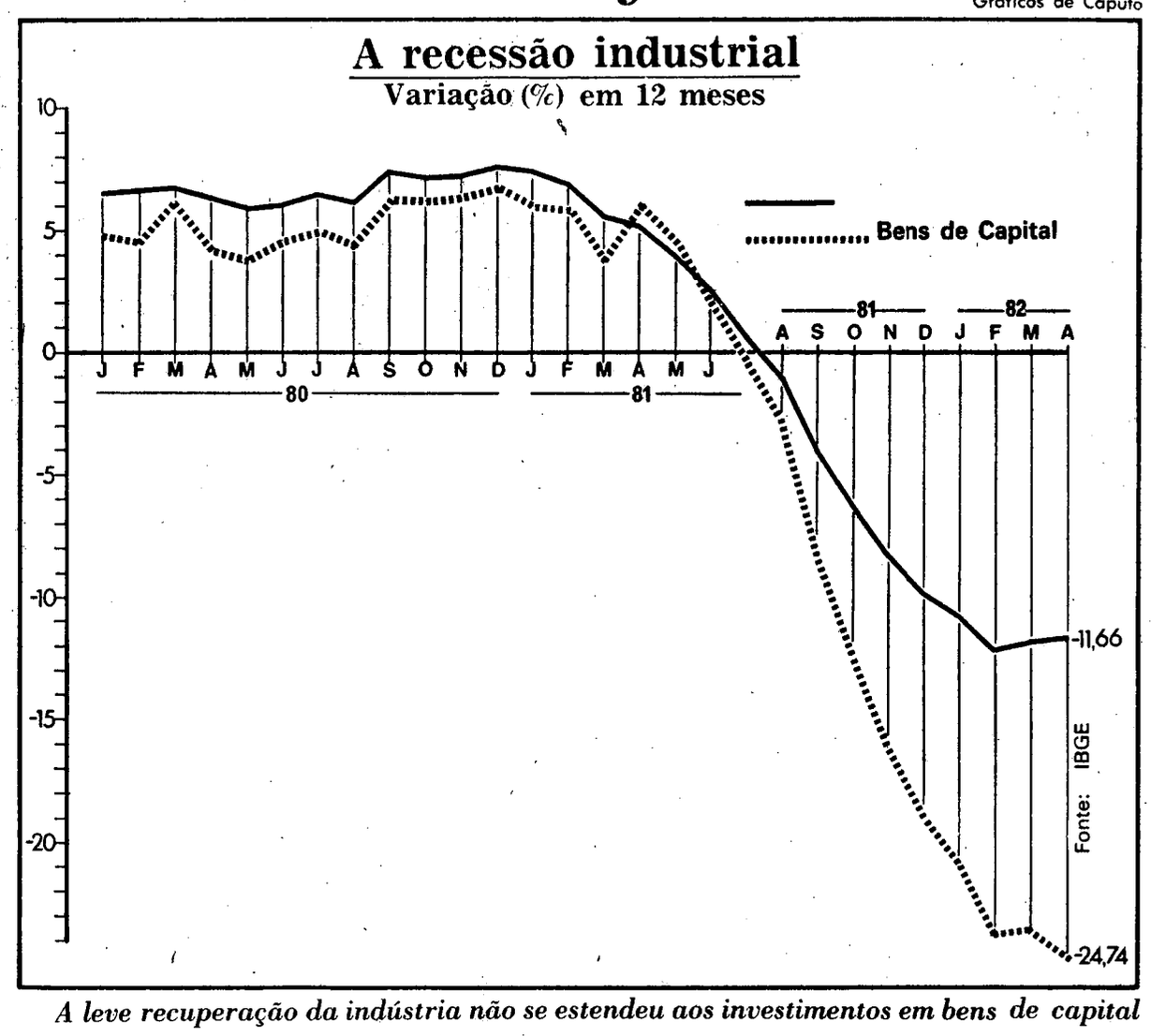
Para 1982, a intenção era de um "assoprãozinho" para que a economia voltasse a respeitar um pouco. As expectativas, no início do ano, eram de um superávit comercial de 3 bilhões de dólares e uma taxa de inflação entre 70% e 80%

A primeira grande surpresa no semestre que passou foi o fraco desempenho das exportações. O próprio Governo já admite que os 23 bilhões de dólares do ano passado só serão repetidos com dificuldades. O segundo fator negativo — que não chegou a ser uma surpresa, já que se previa uma retomada, mas não com essa intensidade — foi a inflação, que poderá fechar esse ano acima dos 100%.

O nível de produção industrial ainda está mais de 10% inferior ao do ano passado, o que mantém o desemprego alto. O Governo só tomou medidas, até agora, para estimular o consumo de bens duráveis. Os investimentos, que são a chave para a retomada do crescimento, continuam baixos. A indústria de bens de capital está com um nível de produção inferior a 1975.

Em sua última palestra na Escola Superior de Guerra, o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, garantiu que o Governo já venceu a batalha da inflação e do balanço de pagamentos e previu a possibilidade de um crescimento médio de 5% ao ano da economia até 1990. Os economistas questionam se a ligeira recuperação na indústria de bens duráveis e a reativação do comércio serão suficientes para atingir a meta este ano, considerando a previsão de queda na produção agrícola.

Gráficos de Caputo



A leve recuperação da indústria não se estendeu aos investimentos em bens de capital

Agricultura tem produção menor

Apesar das boas safras dos produtos para abastecimento interno (milho, feijão, arroz) e de um crescimento da pecuária (frango e carne bovina), as grandes quebras da produção de café e soja deverão fazer com que a produção agropecuária do Brasil caia este ano em relação a 1981, segundo estima o coordenador do Grupo de Informações Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas, Tito Ryff.

A safra atual de café deverá ficar em pouco mais de 17 milhões de sacas, contra 33,7 milhões de sacas na safra anterior, como resultado das geadas de julho do ano passado. A estiagem no Sul, por outro lado, foi a grande responsável pela queda da produção de soja, que ficará abaixo de 13 milhões de sacas este ano, contra uma estimativa inicial de 15 milhões de sacas.

Milho, feijão e arroz estão com produção garantida para o consumo interno. O maior problema, para o coordenador do GIA, são os preços baixos pagos aos produtores. A retração da demanda, as altas taxas de juros internos e, até recentemente, a expectativa de uma inflação em declínio fizeram com que intermediárias e indústrias comprassem apenas o suficiente para vender, sem preocupação de formar estoques. Desta forma, o Governo teve que comprar grandes quantidades de produtos agrícolas para manter os preços, e a grande pergunta é qual será a intenção de plantio por parte dos produtores para a próxima safra.

Em relação às exportações, a preocupação é com as baixas cotações das matérias-primas (açúcar, cacau e soja), afetadas pelas altas taxas de juros norte-americanas e o fechamento dos principais mercados de exportações. A tendência, segundo Tito Ryff, é de que os preços permaneçam baixos durante todo o segundo semestre do ano.